

Violência, dromologia e complexidade humana

SONILDE KUGEL LAZZARIN

Advogada e Professora no UNIRITTER e na PUCRS
Especialista em Ciências Penais Criminais pela PUCRS
Mestre em Ciências Criminais pela PUCRS

I – INTRODUÇÃO

As últimas décadas vêm registrando um estado de profunda crise mundial.¹ Trata-se de uma crise complexa, de dimensões intelectuais, morais e espirituais, uma crise sem precedentes em toda a história da humanidade. Um sinal do nosso tempo é o fato de que os se pretendem “especialistas” já não estarem capacitados a lidar com os problemas urgentes que surgem em suas respectivas áreas de especialização.

Para compreender essa multifacetada crise cultural é necessário adotar uma perspectiva extremamente ampla, perceber a situação no contexto da evolução cultural humana e substituir a noção de estruturas sociais estáticas por uma percepção de padrões dinâmicos de mudança.

As transformações culturais são tipicamente precedidas por certos sintomas, incluindo-se uma sensação de alienação e um aumento de doenças mentais, crimes violentos, desintegração social, maior interesse na prática religiosa... São, no entanto, tais transformações, etapas essenciais ao desenvolvimento da civilização. As forças subjacentes a esse desenvolvimento são complexas, e os historiadores estão longe de elaborar uma teoria abrangente da dinâmica cultural, mas percebe-se que todas as civilizações passam por processos cíclicos semelhantes de gênese, crescimento, colapso e desintegração.²

¹ Crise vem do grego *krino*, quer dizer “avaliar, julgar ou decidir”. Embora muitas crises surgem de ocorrências imprevisíveis, muitas nascem do colapso de velhos sistemas à medida que são substituídos por novos. “A crise é o momento da mudança, da metamorfose” (KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*, p. 105).

² CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*, p. 24.

II – O PENSAMENTO RACIONAL

O final do século XV e início do século XVI foi marcado pela revolução das noções de espaço e tempo, surgindo novas concepções dos valores humanos, iniciando-se a época moderna e com ela a crise do pensamento medieval. A cosmovisão que estruturava o universo medieval em torno das noções de finitude, esfericidade e hierarquização da ordem cósmica e humana, assim como a consciência que propunha a existência de um mundo fechado, iniciaram sua desintegração.

Após o século XVI até o século XIX, mapearam-se o campo teórico e as certezas do conhecimento em que ainda hoje se move grande parte das mentalidades chamadas científicas, assim como a compreensão do tempo. Porém, em meados do século XVIII, no momento em que a ciência moderna saía da revolução científica do século XVI, que havia sido estruturada em COPÉRNICO, GALILEU e NEWTON, embasou-se uma nova forma de pensamento, iniciando-se uma nova concepção científica com o paradigma da racionalidade.

Também o sentido de tempo desdobra-se no mesmo sentido da intensa dicotomia estabelecida entre o racionalismo e o empirismo, mas em ambos há um ponto em comum, o tempo é tratado como um dado natural, diferenciando-se apenas quanto a forma de percebê-lo: do lado empirista, como um dado objetivo, independentemente da realidade humana; do lado racionalista, como uma simples representação subjetiva.

A racionalidade apresentou-se como um modelo totalitário, ao criar o paradigma da modernidade: “a deusa razão, que estruturou a igualdade e eliminou a diferença, em nome dessa igualdade e do progresso da humanidade. O modelo global de racionalidade nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautem pelos princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas. Anula, desta forma, a subjetividade.”³

A ênfase dada ao pensamento racional em nossa cultura está sintetizada no célebre enunciado de DESCARTES: “Penso, logo existo”, o que encorajou eficazmente os indivíduos ocidentais a equipararem sua identidade com sua mente racional e não com o seu organismo total. Os efeitos dessa divisão entre mente e corpo são sentidos em toda nossa cultura. Levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações, acredi-

³ GAUER, Ruth Maria Chittó. As Fronteiras entre Certeza e Incerteza do Conhecimento in *Educação e História da Cultura: Fronteiras*, p. 83.

ta-se, determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas.⁴

A nova cosmovisão criada pela ciência moderna fez surgir um novo homem – o indivíduo –, rompendo com a visão holística da sociedade. O valor não se encontra mais na linhagem familiar, mas no prestígio resultante de seu esforço e sua capacidade de produzir.

Nessa nova visão, a ordem de se pensar o mundo foi subvertida (separação entre fé e razão, substituição do finito pelo infinito...). O homem passou a viver em um mundo onde ele não é o centro, o céu abriga inúmeros mundos e o lugar do homem no mundo e os espaços heterogêneos (céu-inferno) passaram a ser questionados. Na teoria de Galileu, encontra-se a visão moderna de um mundo público que é medido pela previsão do tempo marcado pelo relógio. O uso do relógio fundou uma nova dimensão de tempo. Os valores como uma construção do pensamento e a precisão das máquinas mudaram a relação entre o homem e a natureza.

Contrariamente a esta concepção, uma nova perspectiva de organismo humano e a relação entre emoção e razão, como demonstram as pesquisas de DAMÁSIO, sugerem que o fortalecimento da racionalidade requer uma maior atenção à vulnerabilidade do mundo interior. De acordo com este autor, a função atribuída às emoções na criação da racionalidade tem implicações em questões atuais, como a violência e a educação. Ressalta que há uma ligação inequívoca entre as emoções atuais e os cenários de resultados futuros, e que a exposição excessiva das crianças à violência, na vida real, nos noticiários e na ficção audiovisual, desvirtua o valor das emoções na aquisição e desenvolvimento de comportamentos sociais adaptativos. O fato de tanta violência gratuita ser apresentada sem um enquadramento moral, reforça a sua ação desestabilizadora.⁵ Surgindo conforme MULLER,⁶ uma estética social da violência, que gera a cultura da violência.

⁴ Essa concepção mecanicista do mundo ainda está na base da maioria de nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou à fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundamento lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesse. (CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*, p. 37.)

⁵ DAMÁSIO, Ant nio. *O Erro de Descartes: Emo o, Razão e Cérebro Humano*, 253.

⁶ MULLER, Arthur. *Intuitions de Genie*, Capítulo 10.

III – TEMPO: UM CONCEITO EM REVISÃO

Os pensadores no final do século XIX tinham consciência, de acordo com BAUMER, da aceleração da vida moderna, cuja principal característica era a *velocidade*, que embora excitante, entendiam que impedia que os homens refletissem sobre o valor e finalidade do que viam e faziam.⁷

O tempo ganhava uma aceleração até então desconhecida. KERCKHOVE ressalta que os momentos de aceleração, crescimento súbito ou intensa velocidade, podem esfacelar ou transformar toda a estrutura, ou seja, “além de alterar o seu ritmo básico de operação, um efeito da aceleração é cortar as ligações entre as várias partes de uma organização, desmantelando-a assim no tempo e no espaço”.⁸ A expansão das certezas científicas, a Revolução Industrial, as novas tecnologias os novos veículos levavam os homens a pensar que seria possível construir o futuro pelo viés do progresso. Com essa aceleração, o *devir* tomava o lugar do *ser*.⁹

No século XX, a física passou por várias revoluções conceituais que revelam as limitações da visão de mundo mecanicista e levam a uma visão orgânica. O universo deixou de ser visto como uma máquina para apresentar-se como uma rede de relações dinâmicas que incluem o observador humano e sua consciência de modo essencial.

A Física atual aborda a realidade além do movimento, o aspecto multifacetado e de inter-relações existentes entre as possíveis abordagens da realidade. Essa visão de realidade baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos: físicos, biológicos, psicológicos e sociais. As teorias científicas não descrevem completamente uma realidade, os cientistas não trabalham com a verdade, mas apenas com descrições da realidade limitadas e aproximadas.

Aparece a idéia de instabilidade, de escolhas múltiplas e de imprevisibilidade. Como esclarece PRIGOGINE, a física newtoniana foi destronada pela mecânica quântica e pela relatividade, contudo, os fundamentos que abrigavam a equivalência entre passado e futuro, a reversibilidade dos fenômenos naturais (determinismo) e a exigência de se estabelecerem certezas não sofreram qualquer modificações, se mantêm a noção de simetria temporal, negando a *flecha do tempo*.¹⁰ Esta, reconhecida na química, na geologia, na cosmologia, na biologia ou nas ciências humanas, evidencia que o passado e o futuro desempenham papéis fundamentais e diferentes.

⁷ BAUMER, Franklin. *O Pensamento Europeu Moderno – Volume II – O Séculos XIX e XX*, p. 16.

⁸ KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*, p. 105.

⁹ GAUER, Ruth Maria Chittó. As Fronteiras entre Certeza e Incerteza do Conhecimento in *Educação e História da Cultura: Fronteiras*, p. 89.

¹⁰ PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, p.12.

Com a *flecha do tempo*, o tempo irreversível estimula a novidade e a criatividade, contrariamente ao tempo físico tradicional que nega qualquer possibilidade da *flecha do tempo*, pois o passado e o futuro são indiferentes. De acordo com esse autor, a *flecha do tempo* indica a direção da evolução, a lei de complexidade crescente em que as probabilidades destronam as certezas. Propõe substituir as probabilidades por possibilidades:¹¹ não há mais projeto em face da velocidade, há somente incertezas.

Nas últimas décadas, dois novos movimentos da física vêm revisando o conceito de tempo físico. O primeiro chamado de “física dos processos de não-equilíbrio”, estuda os processos dissipativos, caracterizados por um tempo unidirecional, e, com isso, confere uma nova significação à irreversibilidade. Anteriormente, ao se falar em *flecha do tempo*, logo se remetia a processos simples, compreensíveis com o auxílio das leis da dinâmica, ou seja, a irreversibilidade da *flecha do tempo* desapareceria quando um conhecimento perfeito fosse alcançado. Não é o que ocorre atualmente, a *flecha do tempo* está na própria formação de inúmeros fenômenos novos, sendo imprescindível em um mundo cada vez mais complexo. Por isso, “sem a coerência dos processos irreversíveis de não-equilíbrio, o aparecimento da vida na Terra seria inconcebível”.¹²

O segundo desenvolvimento pertinente à revisão do conceito de tempo físico foi o de desenvolvimento dos sistemas dinâmicos instáveis. Ao contrário da ciência clássica, que privilegiava a ordem e a estabilidade, reconhece-se agora a primazia das flutuações e da instabilidade, aparecendo também as escolhas múltiplas e os horizontes de previsibilidade limitada. Noções como a de caos tornaram-se populares e invadem todos os campos da ciência. Esta formulação, quebra a simetria entre passado e futuro que a física tradicional afirmava, inclusive a mecânica quântica e a relatividade. A física tradicional unia conhecimento completo e certeza: desde que tivessem condições apropriadas, garantia-se a previsibilidade do futuro e a possibilidade de retrodizer o passado. Incorporada à instabilidade, as leis da natureza exprimem apenas possibilidades. Surge, portanto, uma nova concepção de ciência que não mais se limita a situações simplificadas, idealizadas, mas que nos põe diante da complexidade do mundo real, uma ciência que permite que se viva a criatividade humana como a expressão singular de um traço fundamental comum a todos os níveis da natureza.¹³

¹¹ ILYA PRIGOGINE buscou a inspiração das possibilidades em GASTON BACHELARD, que era físico e filósofo, e que tentou aproximar as duas áreas, ultrapassando a dicotomia. Para ele, a imagem e sua densidade nos torna capazes de criar e incapazes de ver a totalidade. Ele entra no devaneio da memória, pois é no devaneio que se dá o ato criativo. (BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*, p. 5)

¹² PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, p. 11/12

¹³ PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, p. 14.

Atualmente vivemos com a cultura da complexidade do pensamento sistêmico, do não-linear, do multidimensional que integra a dinâmica social. Salienta MAFFESOLI¹⁴ que uma das características das cidades contemporâneas é a união em pontilhado, ou seja, nela se efetuam contatos breves e rápidos, conforme os interesses do momento são conduzidos para um grupo ou para uma atividade, o que induz a adesão e o afastamento, a atração e a repulsa, o que causa dilaceramentos e conflitos de toda ordem, esta é a ética do instante. De acordo com VIRILIO, os avanços tecnológicos, principalmente no campo virtual, do final do século XIX e ao longo do século XX, mudaram o referencial terra para o referencial luz. Esta mudança decorre de três fatos: o primeiro, devido a real mudança da duração do tempo, em face da evolução dos meios de transporte e as novas tecnologias (como exemplo, o computador); o segundo é a videoscopia, o mundo da imagem em tempo real, a representação imediata do instante, o mundo tornou-se o da telepresença; e, o terceiro, a viagem à lua como um novo solo para o homem.¹⁵

Com a imagem em tempo real, o tempo humano dos hábitos, das crenças e tradições perde o compasso e se esgota na cultura do eterno efêmero. A velocidade das informações leva ao paradoxo do tempo/espço do conhecimento: a realidade material da terra está a contrair-se e a implodir sobre si mesma, porque as tecnologias reduzem os intervalos espaço-temporais entre operações. Entretanto, a realidade psicológica e tecnológica, está em contínua expansão, assim como o acesso a estruturas de informação atômicas e subatômicas, planetárias e galácticas.¹⁶

Ainda, de acordo com VIRILIO,¹⁷ na era do instante, não há mais espaço para o transporte físico, é a era da imobilidade e da inércia domiciliária. O esvaziamento do espaço resulta da primazia do tempo sobre o espaço, da interatividade instantânea sobre a atividade habitual e da transparência sobre a própria aparência das coisas.

IV – A CRISE DA MODERNIDADE

A nossa ciência e a nossa tecnologia baseiam-se na crença de que uma compreensão da natureza implica sua dominação pelo homem, que combinada com o modelo mecanicista do universo, que também se originou no século XVII, e com a excessiva ênfase no pensamento linear. Essa atitude produziu uma tecnologia inumana em que o habitat natural dos seres hu-

¹⁴ MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*, p. 176.

¹⁵ VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*, p. 122.

¹⁶ KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*, p. 192.

¹⁷ VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*, p. 39.

manos complexos é substituído por um meio ambiente simplificado, sintético e pré-fabricado. Nosso progresso foi uma questão predominantemente racional e intelectual, e essa evolução unilateral atingiu agora um estágio alarmante, uma situação tão paradoxal que beira a insanidade. Podemos controlar os pousos suaves de espaçonaves em planetas distantes, mas somos incapazes de controlar a fumaça poluente expelida por nossos veículos e nossas fábricas; propomos a instalação de comunidades utópicas em gigantescas colônias espaciais, mas não conseguimos administrar nossas cidades.¹⁸

Salienta CAPRA, que cada indivíduo foi dividido num grande número de compartimentos isolados de acordo com as atividades que exerce, seu talento, seus sentimentos, suas crenças, etc., todos estes engajados em conflitos intermináveis, geradores de constante confusão metafísica e frustração. Essa visão fragmentada é ainda mais ampliada quanto à sociedade, dividida em diferentes nações, raças, grupos políticos e religiosos. A crença de que todos esses fragmentos são efetivamente isolados pode ser encarada como a razão essencial para a atual série de crises sociais, ecológicas e culturais, gerando uma onda crescente de violência espontânea e institucionalizada.¹⁹

MARTINS,²⁰ citando AGAMBEN refere que o pensamento político moderno concentrou a sua atenção sobre a história e não elaborou até ao momento, a correspondente concepção de tempo. Esta omissão, sem que o perceba, impôs-lhe o recurso a uma concepção do tempo que domina, desde há séculos, a cultura ocidental, de modo que coexistem nele uma concepção revolucionária de história e uma experiência tradicional do tempo. EINSSTEIN rompe com a cosmovisão moderna ao colocar em dúvida o caráter absoluto do tempo e do espaço, pois em não havendo na natureza velocidade superior à da luz, para medir a velocidade faz-se necessário conhecer a simultaneidade dos acontecimentos. Esta, não pode ser verificada, apenas definida. O tempo no mundo, ao tornar-se incerto, torna-se diferente do tempo das ciências modernas.²¹

A crise atingiu todas as formas do pensamento contemporâneo. Os fatos são percebidos com muita clareza e, ao mesmo tempo, com uma ambigüidade que foge à possibilidade de se criar uma linguagem que possa conter todas as classificações e toda complexidade inerente à mensagem. Para

¹⁸ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*, p. 39-41.

¹⁹ FRITJOF, Capra. *O Tao da Física: Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*, p. 26.

²⁰ MARTINS, Rui Cunha. O Nome da Alma: "Memória", por Hipótese, in GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Qualidade do Tempo: Para Além das Aparências Históricas* p. 27.

²¹ GAUER, Ruth M. Chittó. Conhecimento e Aceleração (mito, verdade e tempo), in GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Qualidade do Tempo: Para Além das Aparências Históricas*. p. 01.

lidar com esse novo tempo, tem-se por um lado, de pensar no fugaz, na plasticidade; e por outro, essa mesma velocidade/tempo degrada a condição cultural/humana, na qual fomos socializados. A degradação de valores não pode ser pensada simplesmente como uma crise tradicional da civilização ocidental, ela está vinculada à desqualificação do humano.²²

De acordo com LYOTARD,²³ essa cultura tende a abolir a experiência local e singular, não deixando espaço à reflexão e a educação; a espécie humana é levada por esse processo, sem ter a menor capacidade de domínio, pois inexistente o projeto.

V – DROMOLOGIA E VIOLÊNCIA

A realidade não é mais definida em termos de espaço e tempo, mas num mundo virtual, onde a tecnologia permite o paradoxo de estar em todos os locais e de não estar em parte nenhuma. A perda do lugar/cidade/nação em favor da globalidade, implica a perda do exercício do direito, da democracia que é contrária a imediatez e instantaneidade da informação. Para VIRILIO:

O tempo não é uma coisa que se mede com um pêndulo. O tempo é algo que construímos juntos em uma tribo, em uma família, em uma região. O tempo é ecossistema. O tempo é um espaço de tempo, não podemos falar do tempo como emprego do tempo sem falar do espaço, isto é, a sociabilidade que circunda a temporalidade. Logo, o tempo ganho, o tempo rápido, o tempo do ao vivo, do efêmero, o tempo das cotações, não é um tempo socializante, é um tempo de ruptura, 'dessocializante'. Não é um tempo longo de composição, de concentração, de reflexão, é um tempo de reflexo e de reação que se torna cada vez mais violento. A velocidade é uma violência.²⁴

Em face da velocidade social, existem dinâmicas que o conhecimento não consegue explicar. Significa dizer se que torna impossível discutir violência deslocada de um tempo e de uma velocidade social. Há uma criação contínua de técnicas, mas o homem não as domina. Quando descobre que não tem o controle, percebe também que é impossível pensar em um conhecimento absoluto, único, controlado.

O tempo criado na modernidade, de conformidade com GAUER priorizou o *dever* em detrimento do *ser*, cuja principal característica foi a propensão ou tensão em direção ao futuro. O espírito do tempo moderno possibilitou criar a compreensão de uma história linear que partia de um ponto

²² GAUER, Ruth M. Chittó. Falar em Tempo, Viver o Tempo in GAUER, Ruth M. Chittó; SILVA, Mozart Linhares. *Tempo/História*, p. 17

²³ LYOTARD, Jean-Francois. *O Inumano: Considerações sobre o Tempo*, p. 71.

²⁴ VIRILIO, Paul. *A Bomba Informática*. Entrevista publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em (www.estadao.com.br/ext/frances/viriliop.htm).

(barbárie) abrindo-se a possibilidade de se chegar à civilização. Nesta concepção, há uma homogeneização da humanidade a qual atuou para a destruição das diferenças.²⁵

Nesta construção, o tempo não existe, somente o espaço (largura, profundidade e altura). Quando se trabalha com três variáveis não é possível a evolução, portanto, não é possível alterar o sistema. Após a fragmentação dos diferentes domínios da vida social, a civilização moderna está sendo cobrada, pois não consegue encontrar o sentido perdido das particularidades. Há uma velocidade, ao passo que toda a organização estatal política e jurídica (fundada no sistema cartesiano) não evolui, não se movimenta, permanecendo em constante defasagem. O paradigma da modernidade não contempla a variável tempo, acreditavam que tinham o domínio de tudo, que controlavam a natureza. Saliente-se que para todas as instituições que de alguma forma lidam ou pretendem controlar a violência, inexiste a variável tempo resultando daí a violência existente em nossa sociedade e a atual crise.

A sociedade moderna está permanentemente submetida a uma tensão temporal. O poder político não consegue mais gerir estas diacronias; quando muito, pressionados a acelerar os aparelhos administrativos, utilizam-se de procedimentos de exceção e da retórica da urgência, acompanhando, quando muito, uma pequena parcela e momentânea dos diferentes ritmos sociais, ou seja, não conseguindo realizar essa transmissão de velocidades, o sistema político fica apenas no discurso, simulando um domínio; iludindo, pois na verdade repete forçosamente as mesmas idéias indefinidamente repisadas.²⁶ Desta forma, em não havendo projeto, a violência é ocasionada pela velocidade e pelo presenteísmo. O espírito do tempo se expressa em exteriorizações que se manifestam em vários aspectos. Há uma estética social da violência, ou seja, o homem se autocontamina e contamina.

Para VIRILIO,²⁷ a velocidade constitui a alavanca do mundo moderno, ao passo que o controle do tempo é remetido a uma análise sobre o poder. Passamos do tempo extensivo da história ao tempo intensivo de uma instantaneidade sem precedente; para ele, se o tempo é história, a velocidade é sua alucinação que destrói toda a extensão de cronologia, ou seja, os acontecimentos não são aprendidos uma vez que as imagens não se fixam, escapam pela fluidez da velocidade.

²⁵ GAUER, Ruth M. Chittó. Cumplicidade entre Idéias Científicas, História e Antropologia in *Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História* – p. 35.

²⁶ GUILLAUME, Marc. A Competição das Velocidades in *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Ceticismo e o Dogmatismo*, p. 110/111.

²⁷ VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*, p. 128.

A velocidade retira das forças militares e dos políticos, o poder. Há, desta forma, uma desconstrução resultante da primazia do tempo sobre o espaço. Criou-se um novo espaço-tempo. Depois da desintegração nuclear do espaço, da matéria, ocorre a desintegração do tempo da luz. Tal fato provocará uma mutação cultural onde a profundidade temporal superará a profundidade espacial da perspectiva renascentista. Para VIRILIO vivemos a inércia comportamental devido à velocidade, ao declínio das atividades no espaço e à esclerose dos reflexos ocasionados pelo envelhecimento do mundo, para ele “a velocidade é a velhice do mundo”.²⁸

Como esclarece MAGALHÃES,²⁹ referindo-se ao pensamento de ARENDT, no que pertine à existência da violência *extraordinária* (campos de concentração, tortura) e da violência *ordinária*. Com a violência ordinária, perde-se a criatividade de pensar a vida comum e a capacidade de diálogo, obedece-se passivamente a nova ordem mundial, perde-se o dissenso ou o debate. Reduz-se o homem a uma condição animal: alvo ou algoz. Há a perda da criatividade, tudo passa a ser automatizado, pressupondo, logicamente à violência.

VI – COMPLEXIDADE E O DESAFIO ÉTICO

A velocidade acrescida da impessoalidade ocasiona o abandono, a impossibilidade de pensar a ética, desumanizando os movimentos.

A crise da modernidade e a morte do humanismo esvaziam o mundo de sentido, ou seja, cria um mundo global, que na verdade não existe, o que existe é virtualização. Tudo ocorre dentro da perspectiva do tempo real, inaugurando assim um tempo global, constituindo uma nova forma de tirania.

Existe, de acordo com VIRILIO,³⁰ a possibilidade de uma tirania tecnocientífica inigualável, capaz de controlar, ao mesmo tempo, o corpo humano, o corpo social e o planeta. A cibernética está em condições de criar uma tirania, diante da qual o nazismo não passaria de uma antecipação artesanal.

Salienta o autor que mais grave ainda, é a cibernética social: a eugenia, a possibilidade, graças à decodificação do código genético de “melhorar” o homem e de chegar ao super-homem. Não se pode, segundo o autor, separar informática, genética e cibernética. Somente é possível trabalhar, hoje, com biotecnologia em face de termos a informática para decodificar a extraordinária complexidade do DNA e do código genético humano. Tudo, portanto está interligado.

²⁸ VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*, p. 114.

²⁹ Em palestra proferida pela Profª. Dra. MARION MAGALHÃES da UFPR, no dia 16/09/2003, na PUCRS.

³⁰ VIRILIO, Paul. Da Política do Pior ao Melhor das Utopias e à Globalização do Terror in *Revista FAMECOS*, p. 09.

Não se trata de uma simples revolução técnica, mas algo de muito mais profundo, comparável ao que foi o aparecimento do alfabeto, ou à invenção da imprensa. Esta revolução é acompanhada de uma modificação radical de nosso olhar sobre o mundo, de nossa própria maneira de ser. A cibercultura é fundamentalmente ligada a mundialização em curso e às mudanças culturais, sociais e políticas induzidas pela mesma, apoia-se em esquemas mentais, modos de apropriação social, práticas estatísticas muito diferentes das que conhecíamos até agora. Uma questão que se coloca, é qual será o lugar da pessoa humana num mundo cada vez mais dominado pelas máquinas e por lógicas abstratas? No centro da cibercultura se delinea um desafio profundamente ético. Mais do que definir códigos de conduta trata-se de um debate necessariamente democrático sobre o futuro da sociedade mundial.

A complexidade além de reconhecer uma parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, reconhece uma parcela inevitável de incerteza no conhecimento. É, portanto, o fim do saber absoluto e total. O princípio de separação não morreu, mas é insuficiente; é preciso separar, distinguir, mas também é preciso reunir e juntar; o princípio de ordem também não morreu, mas é preciso integrá-lo na dialógica ordem-desordem-organização. Quanto ao princípio da redução, encontra-se morto, porque jamais haverá o conhecimento de um todo a partir do conhecimento dos elementos de base. O princípio da lógica dedutivo-identitária deixou de ser absoluto, é necessário transgredi-lo.

Os governos nacionais altamente centralizados não são mais capazes de atuar localmente nem de pensar globalmente. No nível planetário, o reconhecimento de que não podemos “gerir” o planeta, mas precisamos nos integrar nos múltiplos sistemas auto-organizadores, exige uma ética planetária e novas formas de organização política.³¹

Entender o homem comum cosmo-psico-bio-antropossocial implica em devolvê-lo ao império da natureza, sem retirá-lo da república da cultura, isto é, descentrá-lo de sua superioridade, para reinseri-lo na diáspora global cósmica.³²

O modo de pensamento clássico torna impossível a contextualização dos conhecimentos. A idéia é a da dialógica, que permite que duas instâncias não redutíveis uma à outra e contraditórias estejam ligadas intimamente. Hoje, podemos dizer: “somos filhos do cosmos, trazemos em

³¹ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*, p. 389.

³² CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e Ética Planetária in *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a Crise da Modernidade*, p. 107.

nós o mundo físico, trazemos em nós o mundo biológico... mas ‘com’ e ‘em’ nossa singularidade própria. Em outras palavras: para enfrentarmos o desafio da complexidade, precisamos de princípios organizadores do conhecimento.”³³

VII – CONCLUSÃO

Já se vislumbra como objetivos planetários, os ideais de justiça, igualdade e fraternidade. No entanto, este horizonte ainda distante envolve a virtude cívica, a liberdade de opinião, a cidadania geral irrestrita, um conjunto orgânico de valores que religa pessoas, grupos pela necessidade de uma fundação antropológica, capaz de alterar percepções, maneiras de pensar, valores, e instaurar a síntese em lugar da análise, a cooperação em lugar competição, a sabedoria intuitiva em lugar do conhecimento nacional, a conservação em lugar da expansão, o indeterminado em lugar do determinado e do causal.³⁴

Nesta perspectiva, incumbe ao Direito debruçar-se sobre esse caldo cultural no sentido de uma compreensão ética, voltado para um pensamento subjetivo que retire essa idéia de absoluto e pense no fragmento, não implicando isso em uma moral *à la carte*. A religião, na modernidade, passou a ser subordinada à moral, o Direito precisa se reorganizar para ter uma maior compreensão, para poder pensar nesta ética. Inobstante o fato da sociedade contemporânea, identificada pela complexidade social, a incerteza dos riscos e a imprevisibilidade dos acontecimentos, conviver com a velocidade da luz, há de se pensar, também, que o processo de criminalização possui outra velocidade, que requer um tempo próprio, ou seja, requer a sua temporalização, desagregando-se da velocidade do instante.

Conclui-se concordando com CARVALHO, no sentido de que, talvez seja possível uma ética civilizatória entendida como *nova filosofia pública* e uma *nova ecologia da ação* pautada por uma espécie de ética da tolerância prática, por uma polifonia de valores e culturas constantemente retroalimentada pela dialogia entre ciência e tradição, imaginário e real, subjetividade e objetividade, Oriente e Ocidente. “Uma ética da tolerância prática que investe na interdependência, na não-linearidade, na retroalimentação, na cooperação e na parceria das culturas planetárias, possa vir a combinar mundialização e diversidade cultural”.³⁵

³³ ARDOINO, Jacques. A Complexidade in MORIN, Edgar. *A Religião dos Saberes: O Desafio do Século XXI*, p.464-567.

³⁴ CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e Ética Planetária in Pena-Vega, Alfredo. *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a Crise da Modernidade*, p. 112.

³⁵ CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e Ética Planetária in Pena-Vega, Alfredo. *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a Crise da Modernidade*, p. 116.

A utopia possível implica, portanto, numa política de civilização, fundada na ética cívica planetária e na convivência com as relações de complementaridade, concorrência e antagonismo que cercam a existência humana.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BAUMER, Franklin. *O Pensamento Europeu Moderno – Volume II – Séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- . *O Tao da Física: Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Complexidade e Ética Planetária in Pena-Vega, Alfredo. *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a Crise da Modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- DAMÁSIO, Antônio. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Portugal: Publicações Europa-América, 2000.
- GAUER, Ruth Maria Chittó. Conhecimento e Aceleração (mito, verdade e tempo) in GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Qualidade do Tempo: Para Além das Aparências Históricas*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.
- . As Fronteiras entre Certeza e Incerteza do Conhecimento in VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes, *Educação e História da Cultura: Fronteiras*. Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- . Falar em Tempo, Viver o Tempo in GAUER, Ruth M. Chittó; SILVA, Mozart Linhares. *Tempo/História*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- . Cumplicidade entre Idéias Científicas, História e Antropologia in *Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História – PUCRS*. Porto Alegre, nº 05, 2001, p. 21-40.
- GUILLAUME, Marc. A Competição das Velocidades in *A Sociedade em Busca de Valores: Para Fugir à Alternativa entre o Ceticismo e o Dogmatismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- KERCKHOVE, Derrick. *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- LYOTARD, Jean-Francois. *O Inumano: Considerações sobre o Tempo*. Lisboa; Esrampa, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MARTINS, Rui Cunha. O Nome da Alma: “Memória”, por Hipótese In GAUER, Ruth Maria Chittó. *A Qualidade do Tempo: Para Além das Aparências Históricas*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.
- MULLER, Arthur. *Intuitions de Genie*. Paris: Flammarion, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza*. São Paulo: Unesp, 1996.

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e Info-ética in MORIN, Edgar. *A Religação dos Saberes: O Desafio do Século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

———. Da Política do Pior ao Melhor das Utopias e à Globalização do Terror in *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 16, dezembro 2001, p. 7-17.

———. *A Bomba Informática*. Entrevista publicada no Jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em (www.estadao.com.br/ext/frances/viriliop.htm).